

Bisol e Lyra caem na mesa do acordo

Os dois concorrentes à segunda colocação para o turno final da eleição presidencial — Brizola, do PDT, e Lula, da Frente Brasil Popular — passaram a admitir ontem a troca de seus candidatos a vice numa nova composição de forças. Lula foi o mais incisivo quando, sobre a substituição de Bisol, disse ser esta uma decisão da Frente que o apóia — decisão que ele naturalmente acataria. Ao tomar conhecimento de que seu vice-Fernando Lyra, mostrou-se disposto a abrir mão de seu posto, Brizola não deixou por menos: “Não tenho conhecimento, mas isto não me surpreende, pelo despojamento do Lyra”, comentou o candidato pedetista.

“Se depender do Lula, o Bisol sempre será o meu vice. Mas faço parte de uma Frente Popular e acatarei qualquer decisão dela”. Com essa afirmação, o candidato petista deixou transparecer a possibilidade de uma negociação com outros partidos progressistas para compor uma nova chapa de sua candidatura no segundo turno. Com a ressalva de que não pretende fazer coligações que “tornem o partido um saco de gatos”, Lula disse que as coligações serão discutidas na reunião da executiva da Frente no próximo dia 19. A possibilidade de se negociar ministérios com outros partidos não foi descartada pelo candidato que previu uma unificação das forças de esquerda, caso chegue no segundo turno. Ele foi seguro em dizer que em seu governo haverá espaço para pessoas de outros partidos “desde que sejam sérias e competentes”, Lula só tem dúvidas

quanto à possibilidade de coligação com o candidato do PDT, “já que ele procurou me agredir durante toda a campanha”.

Brizola, por sua vez, preferiu passar uma borracha nesse passado tão recente de agressões. “Tudo que se passou em termos de diferenças entre nós antes do pronunciamento das urnas deve ser jogado para o plano secundário”, ressaltou. Ele propôs um armistício entre os cinco candidatos identificados por ele no campo “democrático e popular” para “liquidar com o candidato da direita no segundo turno” e impedir que “um filhote da ditadura, como é este Collor, seja a desgraça que se imponha ao povo brasileiro”. Além de Lula, esta aliança de Brizola comporta os candidatos Mário Covas (PSDB), Roberto Freire (PCB) e Ulysses Guimarães (PMDB).

“A palavra de ordem agora é a unidade”, disse o pedetista, usando o velho jargão esquerdista. Lula poderia ter usado a mesma frase, pois repeliu com veemência a possibilidade levantada pelos repórteres de que Covas possa apoiar Collor no segundo turno. Com uma diferença: não está disposto a abandonar o discurso radical de seu partido: “Vou com o discurso que sempre defendi”, fri-sou o petista. Parlamentarismo também é um assunto que está fora das cogitações de Lula. “Querer discutir parlamentarismo agora é falta de assunto, já que a Constituição determina um plebiscito sobre a forma de governo em 1993”, finalizou Lula.